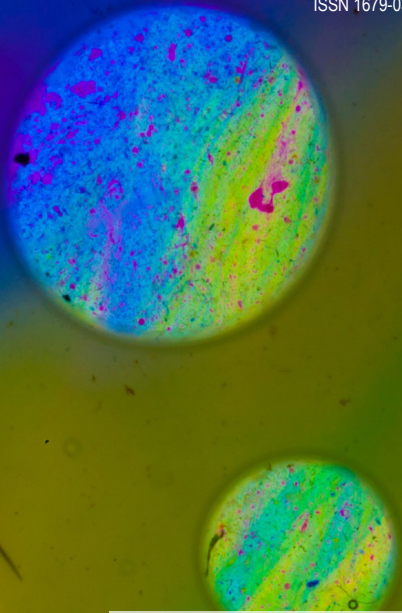


Cadernos
IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 20 | n° 344 | vol. 20 | 2022



**Daqui deste planeta:
(t/T)erra deíctica e sazonalidade cosmopolítica**

Hilan Bensusan

Cadernos
IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 20 | nº 344 | vol. 20 | 2022

**Daqui deste planeta:
(t/T)erra deíctica e sazonalidade
cosmopolítica**

Hilan Bensusan

**Doutor pela Universidade de Sussex e professor
do Departamento de Filosofia da UnB**



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Cadernos IHU ideias é uma publicação periódica e digital do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz
Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias

Ano XX – Nº 344 – V. 20 – 2022

ISSN 2448-0304 (on-line)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

Conselho editorial: Bel. Guilherme Tenher Rodrigues; Dra. Cleusa Maria Andreatta; Dr. Lucas Henrique da Luz; Dra. Marilene Maia; Dra. Susana Rocca; Dr. Ricardo de Jesus Machado.

Conselho científico: Adriano Naves de Brito (Unisinos, doutor em Filosofia); Angelica Massuquetti (Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade); Berenice Corsetti (Unisinos, doutora em Educação); Celso Cândido de Azambuja (Unisinos, doutor em Psicologia); César Sanson (UFRN, doutor em Sociologia); Gentil Corazza (UFRGS, doutor em Economia); Suzana Kilpp (Unisinos, doutora em Comunicação).

Projeto Gráfico: Ricardo de Jesus Machado

Responsável técnico: Guilherme Tenher Rodrigues

Imagem da capa: PxHere

Revisão: Isaque Gomes Correa

Editoração: Guilherme Tenher Rodrigues

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 20.
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).
ISSN 2448-0304
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

Daqui deste planeta: (t/T)erra deíctica e sazonalidade cosmopolítica

Hilan Bensusan

RESUMO: O texto trata da cosmopolítica de Gaia, de como ela afeta ações humanas e como as ações humanas a afetam. Gaia não se comunica com as sociedades humanas diretamente, antes, ela manda sinais, vestígios, presságios. É como um espectro, rondando tudo o que está aqui, porém nem sempre audível. A partir de considerações indexicalistas e associadas à sazonalidade política, algumas ideias com respeito a Gaia, focadas em um entendimento múltiplo da cosmopolítica como história do seer, antropologia da natureza, ecologia das práticas, economia geral, estereoscopia entre outras, são apresentadas e consideradas. Aparece a tese de que o clima está sempre embrenhado na história tanto natural quanto humana.

PALAVRAS-CHAVE: Gaia. Indexicalismo. Cosmopolítica. Sazonalidade. Clima.



From this very planet: Deictic e/Earth and cosmopolitical seasonality

Hilan Bensusan

ABSTRACT: This essay is concerned with Gaia's cosmopolitics. It deals with how she affects human actions and how human actions affect her. Gaia does not communicate with human societies directly; rather, she sends signals, traces, omens. It is like a specter, prowling around all that is here, but not always audible – not fully perceptible. From indexicalist considerations and those associated with political seasonality, some ideas regarding Gaia's cosmopolitics are considered. The point of departure is a multiple understanding of cosmopolitics as history of being, anthropology of nature, ecology of practices, general economy, stereoscopy, among others. The assertion that climate is always embedded in both natural and human history emerges.

KEYWORDS: Gaia. Indexicalism. Cosmopolitics. Seasonality. Climate.

Daqui deste planeta: (t/T)erra deíctica e sazonalidade cosmopolítica

Hilan Bensusan

Doutor pela Universidade de Sussex e
professor do Departamento de Filosofia da UnB

Como falar de Gaia? Ela que nós carregamos no sangue, ela que é o nosso solo – ela que nos pariu. Primeira das nossas precursoras, raiz de todas as genealogias, ela é, por isso mesmo, cúmplice de todos os corpos e de todos os seus materiais anônimos. E ainda assim, com tanta importância de algum modo reconhecida, deixamos ela sem voz – deixamos ela sem voz na nossa voz. Talvez porque nos ocupemos mais e mais de nós mesmos, tanto que temos pouco tempo para ancestrais. Como temos pouco tempo para nos perguntar para que fazemos o que fazemos. Talvez só tenhamos tempo para gestar nossos descendentes – que, como eu tenho desconfiado desde meu texto sobre a infância das máquinas (“O capital transversal e seus rebentos

atrativos ou, a infância das máquinas”)¹, são os computadores, seus sistemas, programas, aplicativos, dispositivos. Um ou muitos? Não sabemos, talvez eles amalgamem de vez a espécie – ou a parte da espécie que pode pagar para cuidar deles – em um único ente. Gaia também é de uma vez um e muitos grãos de terra. De qualquer modo, estamos, com respeito a Gaia cuja influência sentimos na pele e com respeito ao futuro que tentamos gerir em um aplicativo, em um impasse de lealdade dividida: entre a ancestral biológica, geológica, genealógica e telúrica e a descendência cibernética, maquinaica, silícia e digital. Um impasse, como descreveu Rilke.

Se encontrassem um pedaço de terra fértil entre o carbônico e o técnico, entre os animais e os deuses, entre *Strom* e *Gestein*, como escreveu Rainer Maria Rilke... “Pensem em como as mãos pousam sem pressão, embora o vigor permaneça nos punhos”², ele escreve na segunda elegia de Duino. Mas não é por acaso que ele descreve assim o impasse humano; a situação das Elegias de Rilke preside a militância cosmopolítica humana na qual estamos sendo atirados desde que entendemos o conhecimento como o destino comum. Rilke continua:

*Mestres de si mesmos, eles sabiam: aqui estamos,
em nosso palpável domínio; mais poderosamente*

1 BENSUSAN, Hilan; “O capital transversal e seus rebentos atrativos ou a infância das máquinas”, *Direitos, Trabalho e Política Social*, v. 6 (10), p. 88-109.

2 “Gedenkt euch der Hände, wie sie drucklos beruhen, obwohl in den Torsen die Kraft steht.” (RILKE, Rainer Maria; *Duineser Elegien*, Leipzig: Insel-Verlag, 1923; Edição brasileira: *Sonetos a Orfeu / Elegias de Duíno*, tradução de Emmanuel Carneiro Leão, São Paulo: Vozes, 2000.)

os deuses podem nos tocar. Isso é assunto dos deuses.

Ah, encontrássemos também nós

uma estreita faixa de terra fértil, puramente

humana, entre a torrente e a rocha!

Pois nosso coração nos ultrapassa ainda como outrora

e é impossível saciá-lo em figuras apaziguantes,

ou em corpos divinos que, imensos, o moderam.³

Esta faixa de terra puramente humana, estreita porque difícil de ser encontrada, está entre o domínio dos anjos – que se movem no espaço espiritual como os algoritmos – e o domínio dos animais. E dos outros viventes, nossos coviventes em Gaia, e o domínio das pedras, das cachoeiras e dos acidentes do clima que temos que abandonar como quem sai em peregrinação em direção ao país emancipado dos *Freigeister*.⁴ Estamos sempre entre a Strom dos ancestrais que passaram e que carecemos esquecer para forjar algo de nosso no Gestein dos descendentes dos quais procuramos nos lembrar. Sempre encurralados em um tempo presente esquálido, entre a cruz e a caldeirinha. Mas, como o futuro ainda vem, pendemos para o cibernético, para a

3 “Diese Beherrschten wußten damit: so weit sind wirs, dieses ist unser, uns so zu berühren; stärker stemmen die Götter uns an. Doch dies ist Sache der Götter. Fänden auch wir ein reines, verhaltenes, schmales Menschliches, einen unseren Streifen Fruchtlands zwischen Strom und Gestein. Denn das eigene Herz übersteigt uns noch immer wie jene. Und wir können ihm nicht mehr nachschaun in Bilder, die es besänftigen, noch in göttliche Körper, in denen es größer sich mäßigt.” (RILKE, Rainer Maria; Duineser Elegien, Leipzig: Insel-Verlag, 1923; Edição brasileira: Sonetos a Orfeu / Elegias de Duíno, tradução de Emmanuel Carneiro Leão, São Paulo: Vozes, 2000).

4 Ver, em particular, o prefácio a Humano demasiado humano (NIETZSCHE, Friedrich; Humano demasiado humano, São Paulo: Companhia das Letras, tradução de Paulo Cesar de Sousa, 2000).

inteligência desencorporada. Mas Gaia não está à nossa frente?

Como falar de Gaia? E como falar a Gaia? Ela não se apresenta em seu endereço fixo e substantivo, mas irrompe, reaparece, ressurgue nas trovoadas, nos terremotos, nas tsunamis, nas geleiras que derretem. E na queima dos cemitérios em combustíveis - profanação e envenenamento. Quem está por trás de todas essas aparições? Seria (apenas) uma deusa antiga, de mil nomes, a Pachamama que amalgama todos os animais em um só bicho e que nos lembra de que temos pouco tempo para criar e fazer sobreviver sozinhas nossas crias cibernéticas que tanto estimamos? Há em geral um elo entre as avós e as netas, mas, nesse nosso caso, somos aqueles que fizeram filhos bastardos mas que, ainda assim, lutam para que eles sobrevivam. E temos uma espécie de *Bodenständigkeit* com a Terra. Ou será que podemos sair desse impasse familista ou conciliar de algum modo nossas raízes e nossas pulsões. Talvez tenhamos mesmo que pensar toda esta genealogia em outros termos. Talvez em termos de uma comunidade anacrônica de espectros, vestígios e presságios; de sonhos que nos ocupam ainda que como humanos modernos acreditemos na completude da vigília. Falar de raízes é nos fixar em um endereço, é estar na contra-mão do espírito livre que quer soltura, quer seus próprios termos, seus próprios terrenos. *Freigeister* versus *Ständigkeit*. Veremos.

Bodenständigkeit. A palavra de Heidegger para tratar do solo, e de sua dinâmica, em torno das raízes que são fixas (*Ständigkeit*), mas que se renovam pelo contato com o que há no solo (*Boden*).⁵ É como se o solo fosse

5 Heidegger prefere *Bodenständigkeit* a *Verwerzelung*. Ver

o elemento dinâmico, já que ele é o que dá as condições para que as raízes se fixem. O solo que renova as raízes, no entanto, não pode ser aquele em que floresce quem não tem raízes. Charles Bambach, no contexto de um estudo sobre as raízes e o antisemitismo de Heidegger, compara a *Bodenständigkeit* com o desenraizamento do judeu errante.⁶ Aqui temos o tema da portabilidade – da errância – que contrasta com aquele das raízes. Heidegger entendia que a *Ständigkeit* do programa metafísico de Aristóteles a Nietzsche carecia de uma memória da *physis*, de uma memória daquilo que se oculta sob a palavra *ousia* (entidade, substância, permanência, presença plena). Seria preciso olhar para aquilo que vem abaixo das raízes, um elemento move-diço, capaz de terremotos, de tsunamis, de convulsões. Há um subterrâneo da metafísica – talvez naquilo que fica como um vestígio nela, a *hylé*, a matéria que não tem voz. Como falar da matéria? Como falar do corpo? Heidegger pensa nesse subterrâneo – e o que há abaixo da terra se terra é Terra, é Gaia? – ao mesmo tempo que endossa em alguma medida considerável o projeto que Emmanuel Levinas, já em 1934, chamou de hitlerismo: o imposição do sangue e do solo na filosofia. Levinas procura estar na contramão deste movimento. O movimento é aquele que tomo o solo como um recorte da Terra – e uma descrição substantiva dela – mas ao procurar olhar para o Outro em minha proximidade, Levinas aponta para uma outra maneira de pensar a portabilidade (e o judeu errante): o Outro me faz mover, e em relação a um Outro que se aproxima eu não me movo, mas nem por isso o Outro deixa de reverberar

HEIDEGGER, Martin; *Nature, History, State: 1933-1934*. London: Bloomsbury Academic, 2015.

6 BAMBACH, Charles; *Heidegger's Roots: Nietzsche, National Socialism, and the Greeks*, Ithaca: Cornell University Press, 2003.

em mim. Há sempre uma responsabilidade, e carrego ela para todo sítio para o qual possa me mover. O gesto em direção a um território futuro – messiânico – é um gesto de portabilidade. Voltarei a isso.

Porém Bruno Latour desloca o aterramento em uma parte da Terra em direção a um aterramento dos terranos. Podemos pensar no sangue e no solo da vida carbônica sobre a Terra – mas Latour vê aqui uma luta de classes geossociais, o aterro e o desterro lutam pela terra, pela Terra.⁷ Também o desterro ocupa a Terra, faz dela uma pista de decolagem – um lugar de partida dos *Freigeister* de Nietzsche que se desterritorializam, que se desenraízam, que se tornam errantes, portáteis. (Mas ninguém faz uma roça em uma pista de decolagem.) Mas o que significa essa disputa não pela terra e nem por uma terra (ou por um chão), mas pela Terra? A Terra se tornou um objeto desproporcionalmente grande, um hiperobjeto, quando ela se tornou uma esfera – circundada por espaço, ainda pensado como inocupado, por todos os lados. Ela se tornou um lugar – um lugar de fala, um lugar entre outros, um *locus belli* e também um *locus standi*. A Terra se tornou um objeto invisível já que ela não vemos em sua inteireza, mas vemos pedaços de sua superfície. O que pode ser um hiperobjeto cuja contemplação não pode ser através de um intervalo de tempo, anacrônica, fora do tempo, fora do nosso tempo – espectral. Mas, antes de entrarmos nisso, olhemos para os polos da contenda, as classes geossociais. O conflito é por terra, terreno, território.

7 Ver, por exemplo, “Bruno Latour, observateur de la lutte des ‘classes géo-sociales’” em GEO. Disponível em: <https://www.geo.fr/environnement/bruno-latour-observateur-de-la-lutte-des-classes-geo-sociales-203677>. Acesso em: 25 nov. 2022. Para uma versão anterior da visão de Latour sobre os terranos, ver LATOUR, Bruno; Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no antropoceno. São Paulo: Ubu, 2020.

A luta é portanto por espaço, é também uma disputa geológica: a pedra como componente de uma arqueologia da Terra e a pedra como mineral descrito em termos substantivos e que se minera tanto aqui quanto na lua. O solo está sempre em transição e a Terra que ele compõe tem uma memória de tudo isso na terra, ou na sua água. A pedra, cada pedra, é uma parte da Terra ou uma cosmonauta? Como falar de Gaia? Ou, então, *quem a Terra pensa que é*, como Gilles Deleuze e Félix Guattari perguntaram por uma geologia da moral: há ali (aqui) uma inteligência terrana que é uma como uma lagosta lentíssima que produz imagens e as demole? Estaria Gaia na classe geossocial dos terranos? Ou ela mesma alenta a transformação de seu solo em uma pista de decolagem para espíritos livres, como uma época na sua história?

Gaia é um dos nomes daquilo que contrasta com a artificialização do cosmos – seu interesse não parece caber na transformação tecnocrática de tudo o que encontramos em um dispositivo. Gaia vê a descendência cibernética como um momento na sua história geopolítica – e a geopolítica, já que as raízes podem ser pensadas como o que faz dos humanos não nacionais mas terranos, é também a história daquela que lentamente entrou na sua época recente, sua modernidade assombrada, o antropoceno. A geologia, como a cosmologia é a história aberta do sideral, é a história da Terra e é nessa história que há o minuto em que animais inventaram o conhecimento – como escreveu Nietzsche.⁸ É na plataforma da geologia que tem lugar a era em que humanos são protagonistas em transformar o que tocam, inclusive eles que se tocam entre si, em dispo-

8 NIETZSCHE, Friedrich; A verdade e a mentira no sentido extramoral. Tradução de Fernando Barros. São Paulo: Hedra, 2007.

sitivos. Como falar de Gaia se ela não é apenas ascendente longínqua, mas feita do que segue circulando, por exemplo, nos invernos e nos verões que também as assemblagens de lítio detectam, porque são cósmicas e estão entrelaçadas em Gaia, que é quem as faz cósmicas. Estarem situadas no cosmos, no cosmos e situadas. Antes, quando era pó, depois quando vai tornar ao pó: Gaia é a poeira que sobe? É desde o diagnóstico de Nietzsche sobre o tal minuto atribulado que é possível encontrar o minuto anterior e o minuto posterior. O que virá depois do tecnoniilismo? E quando, em Gaia, passar o momento, o minuto, o instante em que alguns tentam desvelar todos, expor tudo de uma vez? É aqui também que aquilo que Heidegger chamou de história do *seer*⁹ se encontra com a antropologia da natureza¹⁰, com a ecologia das práticas¹¹, com a economia geral¹² e se torna um dos mil nomes da cosmopolítica, como tenho argumentado.¹³ Trata-se de pensar em um termo mais geral – e os termos de Gaia devem ser um tanto gerais – no momento do tecnoniilismo, ou do conhecimento, ou da ecologia moderna das práticas, ou do naturalismo, ou da economia restrita da acumulação de capital. Trata-se de ganhar uma altura – as estrelas? – ou uma profundidade – a terra? – para ver o foco na exposição, a obsessão com o desvelamento e a impressão de que não há mais nada além da universalidade

9 Ver sobretudo HEIDEGGER, Martin; *La história del Ser*, tradução de Dina Picotti, Buenos Aires: El Hilo dAriadna, 2013 e *Meditação*, tradução de Marco Antonio Casanova, São Paulo: Vozes, 2010.

10 Ver DESCOLA, Philippe; *Par delà nature et culture*, Paris: Galliamard, 2005.

11 Ver STENGERS, Isabelle; *Cosmopolitiques*, Paris: La Découverte, 1997.

12 Ver BATAILLE, Georges; *A parte maldita*, tradução de Julio Guimarães, São Paulo: Autêntica, 2013.

13 BENSUSAN, Hilan; *La cosmopolítica es un animal*, *Das Questões*, 8(2), 2021, p. 147-154; BENSUSAN, Hilan, *Cosmpolitics as a Taste for Cuning*, *Das Questões*, 13(1), 2022, p. 30-45.

de um ponto de vista em que aquilo que parece tudo o que há não é mais do que aquele minuto, uma certa dispensação do seer, uma certa economia restrita, uma certa disposição com respeito ao não humano, uma certa ecologia de práticas. Aqui o contraste entre Gaia e a artificialização do mundo – entre Gaia e *Ge-Stell*¹⁴ ou talvez entre a Terra indomada e *Geist*¹⁵ – não é entre o passado e o futuro, mas entre um minuto e uma hora, ou um dia. O cuidado que é necessário com toda perspectiva cosmolítica é que a história do seer, ainda que seja uma história, não é uma maquinação, um artifício tecnocrático assim como a antropologia da natureza não é uma disciplina naturalista e nem a economia geral uma empreitada da acumulação. Os termos mesmos para pensar para além do minuto de Nietzsche tem que ser intradutíveis. Buscar a voz de Gaia que, afinal de contas, está à altura do seu espaço sideral, é buscar uma voz fora do presente, uma voz anacrônica, espectral – a espectrologia é um dos nomes da cosmopolítica que é de onde se veem as aventuras da Terra.

Um outro nome da cosmopolítica é estereoscopia – um gosto pela astúcia. Trata-se da impossibilidade de dizer de tudo já que, como formulou Garrett Hardin uma vez, não é possível fazer uma coisa só.¹⁶ A voz então, geopolítica no sentido vasto de uma geografia do subsolo, talvez não seja uma voz, mas um texto, um

14 Sobre *Ge-Stell*, ver sobretudo *Das Ge-Stell*, uma das conferências que Heidegger pronunciou em Bremen no fim dos anos 1940. (HEIDEGGER, Martin; *Bremen and Freiburg Conferences*, tradução de Andrew Mitchell, Bloomington: Indiana University Press, 2012).

15 Ver BENSUSAN, Hilan; “*Geist and Ge-Stell: Beyond the cyber-nihilist convergence of intelligence*”, *Cosmos and History*, 16(2), 2020, p. 94-117.

16 Ver HARDIN, Garrett; “*Letter to the International Academy for Preventive Medicine*.” *The Garret Hardin Society*, June, 2001. Disponível em: https://www.garretthardinsociety.org/articles/let_iapm_2001.html. Acesso em: 24 nov. 2021.

testamento, um testemunho. Textos, testamentos e testemunhos são anacrônicos e são como a linha mais do que como o ponto – ligam quem escreve e se vai com quem vem e lê, quem deixa o legado e se vai com quem vem e herda, quem conta como foi e se vai e quem vem e confia. Também com textos, testamentos e testemunhos há um universal e um situado. Um código. Arranca do que viu e transporta para alhures, extrai a inteligibilidade, age como um espírito livre desterrando e emitindo para bem longe, para o que não precisa estar mais aqui porque tudo o que há por aqui está pronto para ser instanciado fora daqui. Uma nave que toma Gaia como sua plataforma de lançamento rumo ao sideral – e o perigo da cosmopolítica acabar encampada como um departamento da maquinação. O código é universal, aponta com a possibilidade de uma completude. Porém o código aterra, se reaterra, volta e quando volta é como um leitor situado. Ou seja, se os genes marcam a portabilidade, a epigenética situa o genótipo em um ambiente. O ambiente em que o código genético é lido pode canalizar certos fenótipos ou se ramificar com plasticidade em diferentes organismos. Assim, se a voz de Gaia é um testamento, um testemunho, um texto, não há quem o leia como ela foi dita como não há o fenótipo que traduz ele mesmo, independente de qualquer situação, o genótipo. Gaia não escreve na língua universal porque não há a língua universal – e nem sequer a língua de Gaia, a língua não pode ser de Gaia, é de quem a fala. Como escutar uma voz de Gaia? E saber que suas maneiras são, se ela testemunha para um tempo aberto, como a das bruxas de Macbeth: *oratio obliqua*.

Esse avesso do universal e do que pode ser visto e entendido de parte alguma em que há uma simetria

de fundo entre o planeta e todos os seus habitantes é o situado. Ou seja, o código é uma embalagem para a viagem, a carta transmigra mas tem um remetente e um destinatário. Há uma concretude – e, mais que uma concretude como uma variável espaço-temporal tecnoniilista mas uma situacionalidade – que implicitamente, espectralmente talvez, assombra o universal de alguma maneira parecida com a maneira como a matéria assombra a inteligência e a decodificação assombra o código. Tenho defendido uma metafísica situada – e, também e em par com isso, uma situacionalidade da metafísica (e de seus arredores).¹⁷ Chamo de indexicalismo a ideia de que a exterioridade é uma realidade irreduzível a qualquer descrição substantiva. Tudo tem um fora. E, tendo um fora, já está situado, mesmo que pareça não pisar terra alguma. O indexicalismo se inspira na insistência em responder a um absoluto outro por parte de Levinas¹⁸, na localização da medida de acordo com Whitehead¹⁹, no perspectivismo ameríndio tal como é descrito por Eduardo Viveiros de Castro e Tania Stolze Lima.²⁰ O indexicalismo é uma atitude de suspeita dos universais que pairam em parte alguma e também uma aposta paradoxal na universalidade da mobília situada do universo. É uma crítica a toda metafísica que se proponha a abordar o mundo em termos substantivos – e isto talvez seja a porta de entrada para o tecnoniilismo – e é também uma defesa de que,

17 Ver BENSUSAN, Hilan; *Indexicalism: Realism and the Metaphysics of Paradox*, Edinburgo: Edinburgh University Press, 2021.

18 LEVINAS, Emmanuel; *Totalité et infini: Essai sur l'extériorité*, Leiden: Martinus Nijhoff, 1961.

19 WHITEHEAD, Aldred; *O conceito de natureza*, tradução de Julio Fischer, São Paulo: Martins Fontes, 1994.

20 VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio, *Mana*, 2(2), p. 115-144, 1996. STOLZE LIMA, Tania; "O dois e seu múltiplo: reflexões sobre o perspectivismo em uma cosmologia Tupi", *Mana*, 2(2), 1996, p. 21-47.

em termos não substantivos, talvez seja possível uma empreitada que compartilhe com a metafísica o intento de explicar como as coisas que são acabaram sendo – inclusive a impossibilidade de abordar o mundo em termos substantivos. Assim, poderíamos pensar que a terra é aquilo que nos situa, mas aquilo que nos situa não é um estado fixo, o indexicalismo não é um apelo a um *Bodenständigkeit*, é antes um apelo à um *locus standi*, a uma localização vigente. Também a Terra não é um endereço substantivo, mas ela está aqui, ocupa o lugar de estar aqui – e insistentemente aqui. E o indexicalismo exorciza a portabilidade da inteligência. Não há nada a pensar sem os pés na terra – ou melhor, nada a pensar de lugar nenhum.

A proximidade indexical, que não é ela mesma nem fixa (substantiva) e nem um entrave à mobilidade do pensamento, ela se move como as posições mudam, nada é relativo à raízes, ser relativo a uma raiz é um substantivo, é um engajamento com o que independe da circunstância da proximidade. A proximidade, como insiste Levinas, é anárquica.²¹ Ela surge do exercício da liberdade mas se manifesta no paradoxo da liberdade: é o exercício da liberdade que me faz descobrir a responsabilidade que destitui minha liberdade. E é a responsabilidade que se impõe pela proximidade que não posso nem exorcizar e nem submeter a minha soberania – a proximidade é anarquia passiva. Ela não está estabelecida nem pelo sangue e nem pelo solo, nem pelos genes e nem pelo ambiente, ela segue uma dinâmica indecifrável já que ninguém pode decidir pela proximidade. E o chão, como endereço, está na proximidade do pensamento humano. O chão é o

21 LEVINAS, Emmanuel; *Autrement qu'être ou au delà de l'essence*, Leiden: Martinus Nijhoff, 1978.

indexical que a Terra esconde. A proximidade indexical pode fazer repousar a oscilação entre o ímpeto de emancipação da inteligência – emancipação da terra, da Terra, do corpo e dos corpos e constitui o exercício da liberdade – e o cuidado com os arredores que nos faz agir por eles. Ocorre que pensamos a partir da Terra, que é com ela que temos proximidade. Não é uma proximidade imposta, compulsória, mas ocorre também que a Terra tem muitos procuradores em seu nome, muitos *proxies*: a terra mesmo onde pisamos é procuradora da Terra. A terra, e o chão, o pó, a sustentação e a base, vestígios dela que chegam até nós. Dela, que está aqui. Daqui. Quem é ela? Talvez apenas quem está aqui, e apenas começamos a poder deixar de estar com ela aqui. É daqui que ela nos apela já que é aqui que nós temos vigência.

O indexicalismo, que é um realismo com respeito ao exterior enquanto exterior, é uma condição de passividade – estamos em um endereço indexical, independente da situação que pensamos que estamos. Uma marca da vulnerabilidade ao que vem de fora, uma marca que é quase um emblema e que por isso mesmo continua afetando nossas vidas mesmo na era dos dispositivos de controle é o clima. O clima baixa do céu e vem de dentro da terra, geóico e cósmico. O clima nos alenta, nos requer e nos habilita – é um personagem tácito das diferentes dispensações em que a humanidade se encontra com todo o resto. Assim como a história do seer é sentida nas preparações que são por vezes despercebidas, a história do clima também nos afeta de maneiras que nem sempre nos damos conta. Também a antropologia da natureza e a economia geral do acúmulo e do dispêndio de calor (ou de água, ou de sementes) recebem o protagonismo tácito do clima.

A primeira pode distinguir os rituais para que venha o sol no solstício de inverno, as danças da chuva, os sacrifícios pelas boas safras dos esforços para afastar as nuvens, aspergir chuva artificial, construir estufas de temperatura controlada. Tratar o clima como um agente com o qual se negocia ou como um animal que pode ser em grande medida domesticado, posto a serviço de quem o doma e controla. A segunda pode distinguir o clima aceito e gasto do esforço de acumular – a energia dos rios retirada para as calefações e refrigerações, a água reservada para a estiagem, as construções que controlam as temperaturas. Em ambos os casos – e também em outras dimensões do que é cosmopolítico – negociar com o clima e tratá-lo como um componente do convívio em um mundo que não é apenas nosso em contraste com tentar suprimi-lo, ou podá-lo, em todo caso domá-lo, pô-lo à (nossa, mas não apenas nossa) disposição. O clima é uma figura da vulnerabilidade cósmica da história. As famosas quatro teses de Dipesh Chakrabarty sobre o clima na história deixam claro que, no antropoceno, não é possível deixar de lado o clima como protagonista, oblíquo mas ubíquo nas tramas implícitas da história humana e da história natural imbricadas.²² O clima sempre afetou o curso das coisas como uma exterioridade à qual se responde – e a resposta, a responsividade (e a responsabilidade) tem muitas formas como a do cuidado, do controle, da entrega e da preparação. Trata-se de um agente histórico tão subreptício às vezes como espalhafatoso outras vezes. No antropoceno, vemos que esse elemento externo não é ele mesmo a própria exterioridade; ele também responde aos acontecimentos da história humana. Também ele é cenário da história. O imbricamento

22 CHAKRABARTY, Dipesh; “O clima na história: quatro teses”, *Sopro*, 91, 7-22, 2013.

entre clima e história conta da insistência da exterioridade, mas também que nenhuma exterioridade se submete à substantivização – a ser plenamente descrita em termos substantivos. Olhar o clima a partir da terra é estar no meio dele – à beira do que é exterior, mas também embrenhando-se no que já é resultado de um intercâmbio em uma história que não é só de ninguém.

Um sintoma do clima, e de seu entrelaçamento cosmopolítico com as resoluções humanas, é a sazonalidade. Em sua análise da ideia formulada por Pierre Clastres de que algumas sociedades se organizam em torno não da ausência de estado mas de uma ativa contraposição às possibilidades de seu surgimento e consolidação,²³ David Graeber e David Wengrow, em *O despertar de tudo*, comentam a conexão entre o esforço para estirpar as estruturas elementares do estado em suas incipiências de um lado, e a sazonalidade de outro.²⁴ A ideia é que certas estações do ano requerem um combate à permanência do estado enquanto outras demandam modos de vida mais igualitários e sem autoridade constituída. A sazonalidade de regimes políticos aparece pela primeira vez no livro em conexão com o estudo de Claude Lévi-Strauss sobre os Nambiquara dos anos 1940 e que os caracteriza como tendo autoridade hierárquica apenas pela metade de cada ano.²⁵

A autoridade era constituída quando as circunstâncias climáticas requeriam e, em seguida, destituída quando

23 CLASTRES, Pierre; *A sociedade contra o estado*, tradução de Theo Santiago, São Paulo: Ubu, 2017.

24 GRAEBER, David; WENGROW, David; *O despertar de tudo: uma nova história da humanidade*, São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

25 LÉVI-STRAUSS, Claude; "The social and psychological aspects of chieftainship in a primitive tribe: the Nambikwara of northwestern Mato Grosso", in: COHEN, Robert; MIDDLETON, John (eds.); *Comparative Political Systems: Studies in the Politics of Pre-Industrial Societies*. New York: The Natural History Press, 1967, p. 45-62.

voltava a cada ano a estação das chuvas. Os chefes comandavam durante a estação em que a população era nômade e dividida em pequenos grupos, mas perdiam o poder quando a estação seca chegava ao fim. Era como se eles vivessem em dois sistemas que se alternavam de acordo com as estações do ano – como se o clima determinasse a constituição política da sociedade. A transição entre pequenas sociedades com chefes que comandam e uma sociedade mais urbana no topo das montanhas onde tentativas de chefias eram regularmente exorcizadas era dada pelas circunstâncias não humanas. Nem os chefes – e nem os mecanismos da sociedade contra o estado – conseguiam se impor faça-chuva-ou-faça-sol. Parece que podemos dizer mesmo que a umidade era a *king-maker* e também aquela que destituía e destronava os chefes. Porém, mais do que isso, a falta de umidade propiciava que chefes individuais se coroassem, mas era a condição climática que duas vezes por ano produzia um *regime change*.

Graeber e Wengrow encontram exemplos robustos de regimes políticos sazonais também entre os Inuit, os Cheyenne, os Crow e os Lakota e apresentam vestígios de que a sazonalidade política pode ter sido ainda mais espalhada – e capaz de tomar diferentes formas, nem sempre associada ao nomadismo periódico. A sazonalidade reconhece a autoridade do clima e o faz, em certo sentido, ser parte da vida comunitária. Mais que isso, há indícios de que os regimes cosmopolíticos eles mesmos eram reconhecidamente moldados por variáveis climáticas. Assim, por exemplo, entre os Nambiquara, momentos de abundância eram acompanhados de horizontalidade, de combate aos resquícios de autoridade e por falta de disciplina, mas também por sedentarismo, a colheita e uma economia da dádiva.

Se uma parte do ano era dedicada à sobrevivência, a outra era dedicada ao dispêndio – se uma era dedicada ao disciplinamento não apenas dos humanos mas também dos não humanos para que recursos estivessem à disposição, a outra parte era dedicada a entrega de cada um desses agentes a uma espontaneidade ou a uma soberania. Essa sazonalidade insinua a possibilidade de um rodízio, ou de uma alternância, também de regimes cosmopolíticos, pensados em termos de economias restritas ou de antropologias da natureza ou de estados estereoscópicos ou de dispensações do seer, ou de alguma outra forma. A artificialização do mundo, por exemplo, pode ser transitória e intermediada por uma aceitação com cuidado do que cada coisa faz a seu tempo. Há talvez o tempo para o crescimento econômico, e o tempo para o dispêndio, para o freio no desenvolvimento, como o discurso do decrescimento tem insistido. Há o tempo para o acúmulo e o tempo para o *potlach*, há tempo para a dádiva e há tempo para o acúmulo.²⁶ O agente climático afeta a resolução entre regimes cosmopolíticos não porque os determina, mas porque os prepara, os habilita, os torna possíveis. A cosmopolítica é feita por todos os agentes, e é por isso que as resoluções são estereoscópicas, podem ser vistas como um ato de astúcia, e anacrônicas já que projetam um futuro para além da estação vigente e herdam de um passado que é lembrado porque tem sido iterado. Agora, é interessante ter em mente uma das principais morais da história que Graeber e Wengrow querem enunciar em seu livro: ao contrário do que muitas vezes se supõe, o percurso da humanidade na Terra é feito não de uma progressão ou de uma regres-

26 Ver MAUSS, Marcel; Ensaio sobre a dádiva, Lisboa: Edições 70, 2001. Interessante notar que muitas vezes o *potlach* é mesmo descrito como um evento sazonal.

são ou mesmo de uma sucessão, mas é um mosaico de experimentações em múltiplas direções. Ou seja, mais igualdade, menos igualdade, igualdade na cidade, desigualdade na seca, sociedades com escravos, sociedades sem ostentação, sociedades sem reis, sem leis etc. A cosmopolítica é também um campo de experimentação – e o minuto de Nietzsche não é talvez nem o começo e nem o sintoma, mas uma pipeta a mais. Claro que as experimentações podem gerar muitas aberturas de novas alternativas e também muitas intensidades de catástrofe. Como Graeber e Wengrow insistem, a pergunta é: por que nós paramos ou começamos a girar em torno de uma única configuração política? Por que, podemos perguntar também, estagnamos em uma única constituição cosmopolítica?

O clima incide sobre a história humana – sempre incidiu e nunca fomos modernos já que não houve alguma vez em que estivemos mesmo fora do seu escopo. Uma constituição cosmopolítica que não torne rarefeita a sua agência é uma em que, como é a negociação em torno de quantos casacos coloco ao sair de casa, seja um produto de ouvir o tempo e a temperatura circundante. O clima, no entanto, é um efeito comum da ação cosmopolítica particular – e na cosmopolítica codinome estereoscopia, é impossível que uma ação apenas tome seu curso. É na Terra que há clima, e é nela e dela que entramos em acordos com as estações. Nela há os climas que aparecem, que são como tonalidades, *Stimmungen*, como dispensações, como envios, nos tomam e retomam para um certo curso de ação – os humores, *Stimmungen*, nos preparam, nos deixam em condição de mudar de curso, ou permanecer nele. A palavra de Heidegger para dispensação é *Geschickes*,²⁷

27 Ver, por exemplo, a terceira e a quarta conferências de Bremen

às vezes traduzida como habilidade e que tem nela o *Schick(en)* de destinar, enviar, remeter, emitir, e que está em *Schicksal*, destino. Aquilo que faz o destino – ou a predestinação – faz o que provoca a voz da trovada, da enchente, do maremoto. Como ouvir Gaia e se dar conta de que é sua voz? Precisamos ouvi-la assim, dando nome a quem emite? Mas ouvimos, elas nos oferecem estados de espírito, tonalidades e humores – que são aquelas que preponderam em uma estação. É feito do que é feito o curso das estações a história do seer – e também a economia geral, a antropologia da natureza, a ecologia das práticas e os outros mil nomes da cosmopolítica. E é entre esses nomes que atua Gaia, e é ali que sua voz é emitida. O clima é um dos enviados da Terra – um dos enviados inclusive para as decisões eleitorais, políticas e cosmopolíticas porque é impossível votar numa causa só (os dias de chuva e ou de sol favorecem certos partidos quando chega o dia da votação e é preciso uma exposição aos elementos para chegar na urna). Através do clima, há uma variação nas disposições – *dispositions*, que é a palavra de Descola para tratar dos diferentes regimes de antropologia da natureza (naturalismo, animismo, totemismo, analogismo).²⁸ Disposições: aquilo que é afetado pela tonalidade, pelo estado de espírito, pelo humor, pelo clima. Dispor de alguma coisa e também estar disposta, bem disposta, mal disposta. Há uma disposição contra o estado, ou contra o acúmulo, e também contra o dispêndio – uma disposição para a reserva, para o reservatório, para *Ge-Stell* e também uma outra para deixar com as coisas sigam seu próprio curso. A dispo-

em HEIDEGGER, Martin; Bremen and Freiburg Conferences, tradução de Andrew Mitchell, Bloomington: Indiana University Press, 2012).
 28 Op. cit., p. 183-340. Tanto *Geschick* em Heidegger quanto *dispositions* em Descola são juntadas ao ser, ou seja, *Seingeschick* e *dispositions de l'être*.

sição, como o envio, a dispensação, prepara. Trata-se, em cosmopolítica, de uma atenção e uma disputa de presságios: daquilo que se habilita e daquilo que se confabula – o terreno das preparações.

Daqui deste planeta ouvimos essas insinuações ao redor e elas estão situadas. Ouvimos sem perceber, como fazemos muitas vezes com cigarras ou com o caladrius, o rouxinol ou o beija-flor. Como não nos damos conta e esquecemos as vozes dos sonhos. Mas o esquecimento não é a aniquilação – e nem a desatenção a falta de ouvidos. As estações elas mesmas são também como o sonho e a vigília, em preparação mútua e em alternância; ouvimos a voz de Gaia quando sonhamos, e já não sabemos de quem ouvimos aquela voz. Em contraposição, a artificialização do mundo é o exorcismo desses espectros (preparações, presságios, sequelas, resíduos) e ao objetivo de construir um ambiente que esteja fincado no presente. O presente de Gaia parece ser, no entanto, não apenas longo e demorado, mas também anacrônico, feito de vestígios e premonições. E cabe adicionar que o presente, como a Terra e seu céu, está também situado.

Hilan Bensusan



Hilan Nissior Bensusan possui graduação em Filosofia pela Universidade de Brasília (1989), mestrado pela Universidade de São Paulo (1994) e doutorado pela Universidade de Sussex (1999). É professor adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília.

Entende seu trabalho em filosofia em continuidade com seu trabalho em performance, instalação e literatura. Tem pesquisado indexicalidade como ponto de partida de uma metafísica dos outros e como base de uma concepção de proposição, lógicas antimonotônicas e a noção de adição assimétrica, cosmopolíticas, espectrologias, filosofias do processo, anarqueologias, realismos especulativos e outras questões da filosofia contemporânea.

Publicou recentemente *Indexicalism: Realism and the Metaphysics of Paradox* (Edinburgh University Press, 2021), *A moral do começo*, com Julio Cabrera e Ana Miriam Wunsch (Fi, 2019); *A diáspora da agência*, com Jadson Alves de Freitas (EdUFBA, 2018); *Linhas de animismo futuro* (Mil Folhas, 2017) e *Being Up For Grabs* (Open Humanities, 2016).

Edita a revista *Das Questões* e mantém o grupo de pesquisa e discussão *Anarchai*, que atualmente reúne a grande maioria de seus orientandos de mestrado e doutorado. Mantém o blog *No Borders Metaphysics* (www.anarchai.blogspot.com) e o canal Hilan Bensusan no YouTube.

ENTREVISTAS COM HILAN BENSUSAN REALIZADAS PELO IHU

- [“Todo mundo comprou o modelo do garimpeiro e o “e daí?” que vem com ele’. Entrevista especial com Hilan Bensusan.](#)
- [A Terra se tornou um lugar de disputa entre humanos e terranos. Entrevista especial com Hilan Bensusan.](#)

EVENTOS COM HILAN BENSUSAN NO IHU

- [Daqui deste planeta: a terra déctica e a espectralidade de Gaia](#)

CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 A teoria da justiça de John Rawls – José Nedel
- N. 02 O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas – Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo – Sonia Montaño
- N. 04 Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 O ruído de guerra e o silêncio de Deus – Manfred Zeuch
- N. 06 BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 Mundos televisivos e sentidos identitários na TV – Suzana Kilpp
- N. 08 Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada – Valério Cruz Brittos
- N. 10 Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo – Édison Luis Gastaldo
- N. 11 Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz – Márcia Tiburi
- N. 12 A domesticação do exótico – Paula Caleffi
- N. 13 Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular – Edla Eggert
- N. 14 Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS – Gunter Axt
- N. 15 Medicina social: um instrumento para denúncia – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 Mudanças de significado da tatuagem contemporânea – Débora Krischke Leitão
- N. 17 As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade – Mário Maestri
- N. 18 Um itinerário do pensamento de Edgar Morin – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 Os donos do Poder, de Raymundo Faoro – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 Sobre técnica e humanismo – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 Construindo novos caminhos para a intervenção societária – Lucilda Selli
- N. 22 Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático – Valério Rohden
- N. 24 Imagens da exclusão no cinema nacional – Miriam Rossini
- N. 25 A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação – Nísia Martins do Rosário
- N. 26 O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – Rosa Maria Serra BavareSCO
- N. 27 O modo de objetivação jornalística – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 A cidade afetada pela cultura digital – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 Getúlio, romance ou biografia? – Juremir Machado da Silva
- N. 31 A crise e o êxodo da sociedade salarial – André Gorz
- N. 32 À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 33 O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos – Marco Aurélio Santana
- N. 35 Adam Smith: filósofo e economista – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos

- N. 36 Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica – Airton Luiz Jungblut
- N. 37 As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial – Luiz Mott
- N. 39 Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo – Gentil Corazza
- N. 40 Corpo e Agenda na Revista Feminina – Adriana Braga
- N. 41 A (anti)filosofia de Karl Marx – Leda Maria Paulani
- N. 42 Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa” – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistemática de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo – Gérard Donnadiu
- N. 45 A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica – Lothar Schäfer
- N. 46 “Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missioneiro no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju – Ceres Karam Brum
- N. 47 O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter – Achyles Barcellos da Costa
- N. 48 Religião e elo social. O caso do cristianismo – Gérard Donnadiu
- N. 49 Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras – Evilázio Teixeira
- N. 51 Violências: O olhar da saúde coletiva – Élda Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 Ética e emoções morais – Thomas Kesselring
Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
- N. 53 Computação Quântica. Desafios para o Século XXI – Fernando Haas
- N. 54 Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil – An Vranckx
- N. 55 Terra habitável: o grande desafio para a humanidade – Gilberto Dupas
- N. 56 O decrescimento como condição de uma sociedade convivial – Serge Latouche
- N. 57 A natureza da natureza: auto-organização e caos – Günter Küppers
- N. 58 Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades – Hazel Henderson
- N. 59 Globalização – mas como? – Karen Gloy
- N. 60 A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida – Cesar Sanson
- N. 61 Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo – Regina Zilberman
- N. 62 Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude – Cátia Addressa da Silva
- N. 64 Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo – Artur Cesar Isaia
- N. 65 Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical – Léa Freitas Perez
- N. 66 Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675) – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa – João Guilherme Barone
- N. 68 Contingência nas ciências físicas – Fernando Haas

- N. 69 A cosmologia de Newton – Ney Lemke
N. 70 Física Moderna e o paradoxo de Zenon – Fernando Haas
N. 71 O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini
N. 72 Da religião e de juventude: modulações e articulações – Léa Freitas Perez
N. 73 Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa – Eduardo F. Coutinho
N. 74 Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho – Mário Maestri
N. 75 A Geologia Arqueológica na Unisinos – Carlos Henrique Nowatzki
N. 76 Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto – Ana Maria Lugão Rios
N. 77 Progresso: como mito ou ideologia – Gilberto Dupas
N. 78 Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda – Octavio A. C. Conceição
N. 79 Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul – Moacyr Flores
N. 80 Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território – Arno Alvarez Kern
N. 81 Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula – Gláucia de Souza
N. 82 Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de “sindicalismo populista” em questão – Marco Aurélio Santana
N. 83 Dimensões normativas da Bioética – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
N. 84 A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza – Attico Chassot
N. 85 Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo – Patrícia Almeida Ashley
N. 86 Autonomia na pós-modernidade: um delírio? – Mario Fleig
N. 87 Gauchismo, tradição e Tradicionalismo – Maria Eunice Maciel
N. 88 A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz – Marcelo Perine
N. 89 Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade – Laurício Neumann
N. 90 Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida – Maria Cristina Bohn Martins
N. 91 Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo – Franklin Leopoldo e Silva
N. 92 Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática – Daiane Martins Bocasanta
N. 93 A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro – Carlos Alberto Steil
N. 94 Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos – Cesar Sanson
N. 95 De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência – Peter A. Schulz
N. 96 Vianna Moog como intérprete do Brasil – Enildo de Moura Carvalho
N. 97 A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica – Marinês Andrea Kunz
N. 98 Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões – Susana Maria Rocca Larrosa
N. 99 Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house – Vanessa Andrade Pereira
N. 100 Autonomia do sujeito moral em Kant – Valerio Rohden
N. 101 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1 – Roberto Camps Moraes
N. 102 Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência – Adriano Premebida
N. 103 ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso – Eliane Schlemmer



- N. 104 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2 – Roberto Camps Moraes
- N. 105 Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos – Paula Corrêa Henning
- N. 107 Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático? – Telmo Adams
- N. 109 Transumanismo e nanotecnologia molecular – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 Formação e trabalho em narrativas – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda – Denis Gerson Simões
- N. 113 Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro – Sonia Montañó
- N. 115 Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites – Carlos Daniel Baioto
- N. 116 Humanizar o humano – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 Colonizando e descolonizando mentes – Marcelo Dascal
- N. 119 A espiritualidade como fator de proteção na adolescência – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 A dimensão coletiva da liderança – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos – Eduardo R. Cruz
- N. 122 Direito das minorias e Direito à diferenciação – José Rogério Lopes
- N. 123 Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios – Wilson Engelmann
- N. 124 Desejo e violência – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 As nanotecnologias no ensino – Solange Binotto Fagan
- N. 126 Câmara Cascudo: um historiador católico – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável – Paulo Roberto Martins
- N. 131 A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 Linguagem, singularidade e atividade de trabalho – Marlene Teixeira e Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Nicklass Luhmann – Leonardo Grison
- N. 134 Motores Biomoleculares – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 As redes e a construção de espaços sociais na digitalização – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras – Rodrigo Marques Leister
- N. 137 Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstróem suas vidas – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis – Maria Cristina Bohn Martins



- N. 139 Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades – Marise Borba da Silva
- N. 140 Platão e os Guarani – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 Direitos humanos na mídia brasileira – Diego Airoso da Motta
- N. 142 Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio – Greyce Vargas
- N. 143 Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 Inclusão e Biopolítica – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente – Bianca Sordi Stock
- N. 146 Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD – Camila Moreno
- N. 147 O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais – Caetano Sordi
- N. 148 Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS – Fernanda Schutz
- N. 149 Cidadania, autonomia e renda básica – Josué Pereira da Silva
- N. 150 Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética – José Rogério Lopes
- N. 151 As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou “por que voltar ao México 100 anos depois” – Claudia Wasserman
- N. 153 Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate – Stefano Zamagni
- N. 154 Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'ýikue no município de Caarapó-MS – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica – Stefano Zamagni
- N. 156 Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento – Stefano Zamagni
- N. 158 “Passemos para a outra margem”: da homofobia ao respeito à diversidade – Omar Lucas Perrout Fortes de Sales
- N. 159 A ética católica e o espírito do capitalismo – Stefano Zamagni
- N. 160 O Slow Food e novos princípios para o mercado – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião – André Brayner de Farias
- N. 162 O modus operandi das políticas econômicas keynesianas – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas – André Luiz da Silva
- N. 164 Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich? – Serge Latouche
- N. 165 Agostos! A “Crise da Legalidade”: vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 Convivialidade e decrescimento – Serge Latouche
- N. 167 O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 O decrescimento e o sagrado – Serge Latouche
- N. 169 A busca de um ethos planetário – Leonardo Boff
- N. 170 O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo – Marco Antonio de Abreu Scapini

- N. 171 Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes – Gerson Egas Severo
- N. 172 Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais – Bruno Pucci
- N. 173 Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral – João Roberto Barros II
- N. 174 Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas – Marcelo Fabri
- N. 175 Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 Um caminho de educação para a paz segundo Locke – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzos – Lenio Luiz Streck
- N. 179 Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro – José Rogério Lopes
- N. 183 A Europa e a ideia de uma economia civil – Stefano Zamagni
- N. 184 Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como “discurso-limite”) – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade – Stefano Zamagni
- N. 186 A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção – Luis David Castiel
- N. 189 Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero – Marlene Tamanini
- N. 190 Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito – Claudia Fonseca
- N. 191 #VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 A ciência em ação de Bruno Latour – Leticia de Luna Freire
- N. 193 Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico – Adolfo Nicolás
- N. 197 Brasil: verso e reverso constitucional – Fábio Konder Comparato
- N. 198 Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari

- N. 200 Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética – Jordi Maiso
- N. 202 Fim da Política, do Estado e da cidadania? – Roberto Romano
- N. 203 Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania – Maria da Glória Gohn
- N. 204 As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend – Miguel Ângelo Flach
- N. 205 Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro – Fábio Konder Comparato
- N. 206 Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual – Karla Saraiva
- N. 207 Territórios da Paz: Territórios Produtivos? – Giuseppe Cocco
- N. 208 Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 As possibilidades da Revolução em Ellul – Jorge Barrientos-Parra
- N. 210 A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben – Márcia Rosane Junges
- N. 211 Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo – Sandra Caponi
- N. 212 Verdade e História: arqueologia de uma relação – José D’Assunção Barros
- N. 213 A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ – José Odello Schneider
- N. 214 Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze – Sandro Chignola
- N. 215 Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação – Alejandro Rosillo Martínez
- N. 216 A realidade complexa da tecnologia – Alberto Cupani
- N. 217 A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend – Hans Georg Flickinger
- N. 218 O ser humano na idade da técnica – Humberto Galimberti
- N. 219 A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre – Halina Macedo Leal
- N. 220 O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil – José Eduardo Franco
- N. 221 Neurofuturos para sociedades de controle – Timothy Lenoir
- N. 222 O poder judiciário no Brasil – Fábio Konder Comparato
- N. 223 Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão – Jesús Conill Sancho
- N. 224 O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867) – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais – Xavier Albó
- N. 226 Justiça e perdão – Xabier Etxeberria Mauleon
- N. 227 Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor) – Martín Almada
- N. 228 A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo – Sandro Chignola
- N. 229 Um olhar biopolítico sobre a bioética – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida – Jesús Conill Sancho
- N. 232 Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança – Elsa Cristine Bevan
- N. 234 O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira – Róber Iturriet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945) – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 Economias Biopolíticas da Dívida – Michael A. Peters

- N. 237 Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação – Halina Macedo Leal
- N. 238 O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global? – Leandro Inácio Walter
- N. 239 Brasil: A dialética da dissimulação – Fábio Konder Comparato
- N. 240 O irrepresentável – Homero Santiago
- N. 241 O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 Uma crise de sentido, ou seja, de direção – Stefano Zamagni
- N. 243 Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão – Dirce Koga
- N. 244 A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal – Alexandre Filordi de Carvalho
- N. 245 Esquecer o neoliberalismo: aceleração como terceiro espírito do capitalismo – Moisés da Fontoura Pinto Neto
- N. 246 O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo – Andrea Fumagalli
- N. 247 Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo – Dora Lilia Marín-Díaz
- N. 248 Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia – Roberto Romano
- N. 249 Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980) – Iraneidson Santos Costa
- N. 250 A Liberdade Viggiada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira – Francini Lube Guizardi
- N. 252 A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades? – Vinícius Nicastro Honesko
- N. 254 Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva – Jean-Bosco Kakozi Kashindi
- N. 255 Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles – Marcelo Castañeda
- N. 256 Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização – Altair Sales Barbosa
- N. 258 O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder – Rodrigo Karmy Bolton
- N. 259 Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical? – Moisés Pinto Neto
- N. 260 Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre? – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo – Henrique Costa
- N. 262 As sociabilidades virtuais glocalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira – Sauro Bellezza
- N. 264 Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS) – Stela N. Meneghel
- N. 265 Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos – Aline Albuquerque
- N. 267 O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil – Giuseppe Tosi
- N. 268 Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia? – Alana Moraes de Souza

- N. 269 A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna – Viviane Zarembski Braga
- N. 271 O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza – Flavio Williges
- N. 272 Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana – Rafael Lopez Villasenor
- N. 273 Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira – Celso Gabatz
- N. 274 Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo – Acauam Oliveira
- N. 275 Tendências econômicas do mundo contemporâneo – Alessandra Smerilli
- N. 276 Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord – Atilio Machado Peppe
- N. 277 O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social – José Roque Junges
- N. 278 Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco
- N. 279 O mal-estar na cultura medicamentalizada – Luis David Castiel
- N. 280 Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia – Alain Gignac
- N. 281 A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual – Mário José Maestri Filho
- N. 282 A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo – Angela Ganem
- N. 283 Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 Renda básica em tempos difíceis – Josué Pereira da Silva
- N. 285 Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk – Itamar Soares Veiga
- N. 288 Para arejar a cúpula do judiciário – Fábio Konder Comparato
- N. 289 A Nova Previdência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira – Marilinda Marques Fernandes
- N. 290 A Universidade em busca de um novo tempo – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras – Aloir Pacini
- N. 293 Mudança de paradigma pós- crise do coronavírus – Fábio Carlos Rodrigues Alves
- N. 294 O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî – Faustino Teixeira
- N. 295 Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer – Cristiano de Melo Bastos
- N. 296 O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade – Maria Isabel Mendes de Almeida
- N. 297 Escatologias tecnopolíticas contemporâneas – Ednei Genaro
- N. 298 Narrativa de uma Travessia – Faustino Teixeira
- N. 299 Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver– Wallace Antonio Dias Silva
- N. 300 Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução cientificista na análise econômica– Armando de Melo Lisboa

- N. 301 Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular– Roberto Rafael Dias da Silva
- N. 302 Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas - Renata Tomaz
- N. 303 A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre - Karina Macedo Gomes Fernandes
- N. 304 Ártico, o canário da mina para o aquecimento global - Flavio Marcelo de Mattos Paim
- N. 305 A transformação dos atores sociais em produção e recepção: trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa - Aline Weschenfelder
- N. 306 Impactos Ambientais de Parques Eólicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas - Rosana Batista Almeida
- N. 307 História de José, O Carpinteiro, como narratividade de Esperança - Patrik Bruno Furquim dos Santos
- N. 308 Violências, injustiças e sofrimento humano: o impacto das desigualdades sociais nas percepções de Martín-Baró, Ricoeur e Nietzsche - Lina Faria e Rafael Andrés Patino
- N. 309 Catadores de materiais recicláveis: novos sujeitos de direitos na construção da sustentabilidade ambiental - Mariza Rios e Giovanna Rodrigues de Assis
- N. 310 A imagem do pobre nos filmes de Pasolini e Glauber como chave para compreender a ação do capitalismo - Vladimir Lacerda Santafé
- N. 311 Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica - Faustino Teixeira
- N. 312 O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: melancolia, preguiça, vertigem e suicídio - Paulo Abe
- N. 313 Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro - José Dalvo Santiago da Cruz
- N.314 Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas - Castor M.M. Bartolomé Ruiz
- N. 315 Capital e ideologia de Thomas Piketty: um breve guia de leitura - Alexandre Alves
- N. 316 "Ecologia com espírito dentro": sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno - Nicole Soares Pinto
- N. 317 A chacinagem dos chiquitanos - Aloir Pacini e Loyuá Ribeiro F. M. da Costa
- N. 318 Mestre Eckhart: Deus se faz presente enquanto ausência de imagens e de privilégios - Matteo Raschiatti
- N. 319 Indígenas nas cidades: memórias "esquecidas" e direitos violados - Alenice Baeta
- N. 320 Pindó Poty é Guarani! - Roberto Antonio Liebgott e Aloir Pacini
- N. 321 Desbravar o Futuro. A antropotecnologia e os horizontes da hominização a partir do pensamento de Peter Sloterdijk - Rodrigo Petronio
- N. 322 A Trajetória Metodológica Suscitadora de Jesús Martín-Barbero - Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre
- N. 323 O capitalismo de crise: lógicas e estratégias de dominação - Luiz Inácio Gaiger
- N. 324 O trabalho humano no magistério do Papa Francisco - André Langer
- N. 325 Uma discussão acerca da liberdade da consciência humana: convergências e divergências entre Kierkegaard e Lutero - Heloisa Allgayer e Rafael Francisco Hiller
- N. 326 Técnica e Ética no contexto atual - Oswaldo Giacoia Junior
- N. 327 O amor ao próximo como categoria ética em Simone Weil - Ana Lúcia Guterres Dias
- N. 328 Uma abordagem da filosofia de Miki Kiyoshi - Fernando Wirtz
- N. 329 Yuval Noah Harari: pensador das eras humanas - Rodrigo Petronio
- N. 330 O Mundo é um grande Olho que vemos e que nos vê - José Angel Quintero Weir
- N. 331 A indecente hermenêutica bíblica de Clarice Lispector - João Melo e Silva Junior
- N. 332 Juventudes e as "novas" expressões da participação política - Flávio Munhoz Sofiati



- N. 333 A virosfera: aprendendo a viver com o desconhecido - Eben Kirksey
- N. 334 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume I - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 335 O Antropoceno e as ruínas da democracia: a condição humana como monstruosidade - Adriano Messias
- N.336 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume II - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 337 O Direito e o Avesso - Fábio Konder Comparato
- N. 338 Sobre o mecanismo do terrorismo político-fascista: a violência estocástica da serpente do fascismo - Rudá Ricci e Luís Carlos Petry
- N. 339 MESOCENO. A Era dos Meios e o Antropoceno - Rodrigo Petronio
- N. 340 Religião, Direito e o Redobramento de Ideias - Colby Dickinson
- N. 341 Usos do território e as cidades em transformação. Um olhar a partir da Geografia de Milton Santos - Marina Regitz Montenegro
- N. 342 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume III - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 343 Raça, etnia, negro, preto ou gênero humano? Conceitos, leitura de mundo e reflexo nas formas de pensar, ser e interagir - Iael de Souza

 UNISINOS